

# Segunda-feira

MARCELA MENEZES

intransitiva  
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

# Segunda-feira

Marcela Menezes —

No vulto das paredes mal iluminadas e rostos desconhecidos, eu quase me encontro num reflexo inesperado na janela do metrô. Quando era criança, sempre achei que existia uma espécie de descompasso entre mim e a imagem de mim – uma sensação arrastada que me assalta às vezes subitamente, ainda que de certa forma eu saiba (e tolere) sua presença de maneira contínua. De fora para dentro, a figura na janela tem olhos castanhos e viaja submersa pela cidade. Um dia desses, atravessando o Rio de Janeiro, lembrei de um poema que eu disse a você dias antes de ir embora, algo sobre o silêncio e com este,

a inevitável poeira que deita  
sobre todas as coisas

inclusive  
as palavras

Mas a poeira só esconde a superfície, eu havia dito. Você se manteve com o olhar fixo em algum lugar no teto acima de nós. Eu esperava que me perguntasse *o que quer dizer?* como sempre fazia quando eu falava sobre poesia, e eu te explicaria um poema. Mas nada foi dito; eu devia ter visto, acima de mim, as milhares de partículas de poeira que pairavam sobre nós.

Fui percebendo, ao longo dos dias, quando deitávamos lado a lado, que convivíamos com espaços vazios. É esse o exato momento em que as lembranças se tornam lembranças? Vagarosamente sua voz virando eco... *tenho que chamar a proprietária, pensar como resolver o vazamento...* o seu rosto congelado olhando para cima, sempre distante dos meus olhos, esses meus olhos escuros que você não olha diretamente, pois sabe que se depararia com a própria imagem e se assustaria.



Assim, deitamos em silêncio e dormimos, cada um com a sua metade possível da cama. Agarramo-nos à metade possível de nós, como a maior parte das pessoas que agora se desfaz do outro lado do vidro da janela, vivendo em descompasso com o próprio nome, com a imagem construída socialmente. Muitos anos depois, nos encontramos no metrô, num dia normal, uma segunda-feira como hoje. Nossos corpos fatigados dos compromissos do dia-a-dia. Damos apenas um sorriso discreto e seguimos. Sobre os fragmentos guardados de nós, percebo que as palavras, já não mais afiadas sobre a língua – sem o risco do sangue na boca – viviam cheias de pó.

## Sobre a autora

Diante da pergunta “Quem sou eu?” aparece sempre um temor. Marcela Menezes é mestre em teoria da literatura pela UFRJ, leitora voraz, escritora ainda tímida. Busca cumprir os votos de nunca parar de escrever. Sabe que há ainda muito a ser dito.